ARTIGO

UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE OS SENTIDOS DO PRAZER E DA EXCITAÇÃO SEXUAL ENTRE HOMENS COM PRÁTICAS SEXUAIS HOMOSSEXUAIS (MICHÊS) DE CARÁTER COMERCIAL NA CIDADE DE RECIFE.

Normando José Queiroz Viana Aluno do Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFPE falecomigo_1976@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Na década de 80, com o advento da AIDS, houve uma efervescência de investigações sobre sexualidade, especialmente aquelas na perspectiva da abordagem construcionista, abordagem esta que entende o sexo, a sexualidade e a identidade sexual como resultantes de um constructo sócio-histórico, em oposição ao modelo bio-médico que vigorava até então.

Neste contexto, ao partir do universo da sexualidade, elejo como recorte investigativo a prostituição. Tal recorte me faz perceber a existência de uma compreensão, oriunda do senso comum, que identifica tal prática como sendo inerente ao feminino (mulheres e travestis), atribuindo-se pouca importância às modalidades da prostituição masculina. Nesta lógica interpretativa, a prostituição das mulheres é reconhecida e legitimada, mesmo que seja enquanto "mal necessário", já a prostituição dos homens, aquela executada por michês¹, e mesmo a das travestis, recebe duplamente o estigma do desvio, da anormalidade (Fábregas-Martínez, 2002).

Especificamente em território pernambucano, os caminhos da prostituição viril, expressão proposta por Perlongher (1987), parecem ainda se apresentar de forma nebulosa (Souza Neto, 2009). Desta feita, torna-se pertinente ampliar o conhecimento relativo à temática em questão, partindo de um entendimento que privilegie o diálogo entre diferentes categorias analíticas, o que o torna mais completo, uma vez que põe em cena os subsistemas (erótico e de sexualidade – conforme Parker, 1991) que, em conjunto com a categoria gênero, constituem o sentido do sexual, reunindo esforços no intuito de compreender os questionamentos e inquietações que deste campo de investigação possa emergir.

É no intuito de fortalecer o campo analítico nos estudos sobre michetagem, que o presente artigo, oriundo de pesquisa exploratória, intenciona estabelecer uma análise sobre a significação do prazer e da excitação sexual na perspectiva de homens com práticas sexuais homossexuais de caráter comercial (michês) que aqui passarei a chamar de "Boy de Programa", ou simplesmente "Boy", autodenominação adotada pelos mesmos, conforme salienta Souza Neto (2009), na cidade do Recife.

¹ "O termo michê tem dois sentidos. (...) Assim, fazer michê é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. (...) Numa segunda acepção, o termo michê é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente" (Perlongher, 1987:17).

Para tanto, buscamos investigar os sentidos do prazer e da excitação sexual na perspectiva dos próprios Boys, objetivando apreender como as categorias prazer e excitação sexual são significada por estes; a identificação do lugar dos marcadores de sexo/gênero na construção do prazer/excitação – sexuais; os sentidos atribuídos às fontes privilegiadas de prazer corporal, assim como, revelar os sentidos atribuídos à mediação monetária.

Queremos aqui falar não daquele prazer entendido a partir de uma perspectiva dicotômica que por hora parece encontrar-se subjugado à ordem anatomo-fisiológica e heteronormativa que identificamos na psicanálise, como bem nos lembra Valas (1990), e nos sexólogos modernos, segundo Robinson (1977), assim como daquelas formas de prazer orientadas pelo princípio do construcionismo social, ou daquelas explicações de prazer e excitação sexual, que estão para além deste "lugar comum" do corpo anatomia.

2. MARCO TEÓRICO: BREVE RELATO

Ao localizarmos enquanto marco teórico o construcionismo social da sexualidade, buscamos tal referente nos ditos de Carole Vance (1989), em seu texto "Teoria da Construção Social: Problemas na História da Sexualidade", a autora propõe pensar a sexualidade a partir da perspectiva do construcionismo social, e não mais exclusivamente sobre a égide do corpo biológico. Vance (1989), de início, traz para o centro da discussão uma perspectiva teórica por muitos criticada, o essencialismo que pode apresentar-se de diferentes maneiras no estudo da sexualidade, dentre estas, talvez a mais amplamente difundida, seja a crença de que o comportamento humano é naturalmente predeterminado por mecanismos genéticos, biológicos ou fisiológicos e conseqüentemente não está sujeito à mudança.

Desta forma, nos deparamos nesta pesquisa com o desafio de compreendermos prazer e excitação sexual sem fazer uso da perspectiva essencialista que cinde corpo anatomia e corpo social, sem usarmos do expediente da supremacia do determinismo biológico em detrimento da dimensão subjetiva e dos aspectos sócio culturais, nem o movimento contrário, que situa o princípio do construcionismo social hard, princípio este que sustenta o argumento de que tudo é construído socialmente, e por este caminho, o da construção social, tudo pode e deve ser explicado, num lugar de destaque que por vezes incorre em "apagar" o corpo da análise.

Considero que tal posicionamento apresenta algo interessante de se pensar, que é o fato de que o prazer e o desejo, não acontecem em um vácuo. Existem marcadores materiais, concretos, sobre os quais as normas (de gênero e de sexo) são aplicadas. Existem limites materiais à construção. Eu digo isso porque me parece que um dos desafios para os estudos em sexualidade é como retomar o corpo para a análise sem essencializá-lo.

Ao partirmos da perspectiva do prazer, seja no campo da psicanálise, com os estudos de Freud sobre a sexualidade humana, em os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, passando pelos estudos de Ellis, Kinsey até as investigações de Masters e Johnson, identificaremos o quanto esta categoria de análise, o prazer, encontra-se sob a égide de uma sexualidade normativa que, ainda, mostra-se incipiente quando a idéia é romper com as barreiras do corpo anatomo-biológico.

Embora o campo da sexualidade tenha sido descentrado pela psicanálise e o construcionismo, a questão do prazer continua biologizada. Tal situação revela a necessidade de se entender algumas facetas da gênese dessas idéias e o porquê de seu grande apelo (cf. Rohden, 2003).

Segundo Vance (1989), o nó continua na área fisiológica. "Nós pensamos sobre diferentes graus de tecidos removidos, de possíveis nervos reconstituídos sobre o clitóris, que transferem uma resposta sexual de uma zona do corpo para outra", mas esquecemos de perceber que também somos circuncidados pela cultura, tal como ilustra o exemplo apresentado pela autora da mulher sudanesa circuncidada: "You circumcise women, too," she said, "but you do it through Freudian theory, not through surgery. You are not so different from us" (1889:166).

A ruptura entre prazer, dimensão subjetiva, e excitação, dimensão corporal, revela-se clara nos estudos das ciências do sexual, ratificando a supremacia da aderência ao substrato biológico neste campo de investigação. Tal compreensão encontra fundamento na natureza das investigações dos sexólogos modernos que, ao se esforçarem em construir toda uma tecnologia sexual, da qual surgiu um vasto repertório de escalas, instrumentos e aparelhos, parecem estar mais voltados para a excitação do que para o prazer.

Todavia, esforçamo-nos para imaginar um cenário diferente de prazer, que mostre-se ao alcance de nosso campo de trabalho. Neste sentido, semelhante discussão é proposta por esta pesquisa quando buscamos compreender os sentidos do prazer e da excitação biológica na experiência sexual brasileira, sobretudo da ambigüidade entre estes, para além do lugar do nó biológico, entre homens que se prostituem com outros homens, não se reconhecem enquanto homossexuais, mas relatam sentir prazer.

3. DA PESQUISA: OBJETIVOS, TEORIA E MÉTODO

Conforme Parker (1991), a experiência sexual no Brasil constitui-se de maneira mais plural que singular. A diversidade de significados dos sistemas sexuais na cultura brasileira revela seu caráter múltiplo, por vezes dispare, conflitante e até mesmo contraditório que se esforça em entrelaçar-se à tessitura da vida social.

A coexistência destes diferentes (sub)sistemas no contexto da vida cotidiana, torna possível o diálogo entre eles, apesar deste por vezes apresentar-se de maneira mais árdua do que se imagina. No entanto, é a partir deste encontro dialógico que se constituí o terreno fértil para o surgimento de uma série de distinções úteis que abrem caminho para análises posteriores.

É neste contexto, que os sistemas sexuais dialogam com as questões de gênero; questões as quais, segundo nos alerta Parker (1985), tem definido tradicionalmente, a interpretação brasileira de suas próprias práticas sexuais. Destacamos ainda, que tal interpretação sofre influência de uma ordem social fortemente patriarcal, marcada por discursos institucionais da sexualidade heteronormativa e reprodutiva, que ao ser constituída no/pelo senso comum compreende que a atribuição de sentidos do prazer e da excitação sexual se dá via o princípio da heteronormatividade e da anatomofisiologia, com ênfase na noção de atividade-passividade e nas inserções e recepções de partes do corpo (Cf. tb, Rios, 2004).

Para tanto, nesta pesquisa, ao partirmos do marco teórico do construcionismo social, traçamos um panorama que, inicialmente, objetiva explicitar o direcionamento adotado pelos estudos clássicos em sexualidade, dos quais aqui nos fundamentamos na revisão feita por Valas (1990) dos estudos de Freud, "*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*", como também, no posicionamento dos sexólogos modernos - Ellis, Kinsey e Masters e Johnson – segundo opinião de Robinson (1977), procurando, desta maneira, identificar qual o lugar que o prazer e a excitação sexual ocupam em suas interpretações, e estabelecer um paralelo entre tais impressões com os estudos de Perlongher (1987), Fabregas-Martínez (2002), Rios (2004) e Souza Neto (2009), e destes com os discursos e práticas dos próprios Boys durante as incursões no campo.

Neste sentido, intencionamos descrever a vida sexual dos sujeitos investigados a partir da metáfora dos scripts. Para tanto, fundamentamo-nos na perspectiva da roteirização nos estudos sobre sexualidade, cuja teoria, proposta por Gagnon (2006), interpreta os roteiros sexuais enquanto projetos cognitivos que permitem organizar e vincular o que pensam e o que fazem as pessoas, e como elas são afetadas pelo contexto sociocultural em que vivem.

No tocante à coleta de dados, esta ocorre através de estratégias alinhadas aos objetivos deste estudo, abrangendo duas frentes: 1) a observação participante, cuja intenção é identificar a dinâmica da michetagem na cidade de Recife, e 2) aplicação de inventários e entrevistas semi-estruturadas com foco biográfico, que objetivam a reconstituição da identificação de categorias nativas relacionadas ao prazer e a excitação sexual, como também, o revelar da história de vida sexual de nossos interlocutores.

No tocante ao modelo de análise, referendamo-nos nos estudos de Rios (2004), e aderimos ao modelo interpretativo da "dupla hermenêutica", como sugerida por Giddens (1984); ou seja, buscamos desvelar os sentidos que os próprios sujeitos constroem de suas ações, balizado com o sentido que nós, enquanto analistas, munidos de nossos referenciais teórico-metodológico, construímos das ações e interpretações de nossos interlocutores (cf. também Geertz, 1987 e 1998).

Observados também são os aspectos éticos, de acordo com as normas de pesquisa envolvendo seres humanos – Res. CNS 196/96.

4. DO CAMPO: UNIVERSO E IMPRESSÕES.

Quanto ao universo da pesquisa, percebemos que acessar o contexto da prostituição de homens na cidade do Recife é uma tarefa árdua, porém interessante e reveladora. Quem são? Onde estão? Como encontrá-los? E, o mais intrigante, como abordá-los?

Delimitar espaços e formatar modalidades de aproximação foram os passos seguintes. O cenário de tal pesquisa é o bairro da Boa Vista, centro do Recife, no perímetro entre a Rua Gervásio Pires, Rua Oliveira lima e Praça, com o mesmo nome, e Rua Corredor do Bispo, região já identificada por Souza Neto (2009) como tradicional área de prostituição homossexual masculina.

Definido os espaços, como dizem os profissionais do sexo, fui "batalhar". Durante vários dias, ou melhor, noites, estava eu entre ruas, saunas e bares da cidade a procura de informações que revelassem a dinâmica da prostituição viril na região supracitada.

Entre conversas informais e entrevistas, assim como, as observações participantes, percebo que os sentidos atribuídos ao prazer e a excitação sexual pelos próprios Boys de Programa, apresentam elementos analíticos que possibilitam, inicialmente, a percepção do pensar destes sobre tais dimensões.

Até o presente momento as impressões obtidas durante as incursões no campo possibilitam pensar o exercício da michetagem em Recife, seja no âmbito do domínio público, a prostituição de rua, ou de domínio privado, espaços que acolhem a prostituição de homens, dentre os quais, citamos aqui as saunas, como marcada por uma espécie de código de ética que orienta o *modus operanti* dos Boys.

Neste contexto todo um código marcado por olhares fortuitos, piscada de olhos; o erotismo dos corpos potencializado pelo figurino que evidencia e, por vezes, deixa à mostra partes de corpos desnudos (Bataille, 1987) e pela presença da auto-manipulação do corpo: o passear das mãos pelo próprio peito, abdômen e, sobretudo, o pênis, é prática constante entre os executores da prostituição viril.

Outro aspecto relevante que emerge de análise desta pesquisa é a presença do recurso do exercício mental. Apesar de compreendermos que tal recurso se fazer presente em todas as relações afetivo-sexuais, sejam elas de orientação homo ou heterossexual, inclusive servindo, por vezes, ao incremento destas, me parece que no caso da prostituição viril ele assume lugar de destaque.

No negócio do michê, sem o exercício mental, a operacionalização do programa, segundo os sujeitos investigados, não acontece a contento, ou de fato não ocorre. Interessante pensar que na dinâmica da prostituição viril a utilização do exercício mental, nos termos em que ocorre, parece não inserir o outro da relação, ou seja, o cliente, mas sim um outro externo, conforme os relatos, sempre uma mulher.

Esta impressão confirma-se a partir das observações e entrevistas realizadas. Em diferentes momentos das incursões no campo os Boys aos quais tive contato relatam fazer uso assiduamente do expediente do exercício mental. Com freqüência dizem pensar em outras mulheres, sejam estas as "mulheres da casa", suas próprias companheiras, em proporção menor do que aquelas fora da relação marital, "as mulheres da rua".

Ainda no âmbito do exercício mental, muitos relatam assistir filmes pornográficos. Neste caso há um dado curioso: parte expressiva dos depoentes diz começar assistindo filmes pornográficos destinados ao público heterossexual antes de sair para a "batalha" ou quando chegam ao motel ou espaço onde o programa será realizado. Com o passar do tempo alguns começam a assistir filmes pornográficos destinados aos homossexuais, no entanto, a logística das posições tradicionais de gênero se mantém, fato que se torna inteligível quando um dos depoentes relata que ao assistir aos filmes fica "ligado na bunda dos caras".

Percebe-se também que os Boys dos quais tive a oportunidade de conversar, revelam claramente a importância da mediação monetário no negócio do michê, e o quanto está se faz imprescindível, na execução do programa, influenciando, inclusive, o processo de excitação.

Em linhas gerais, os programas variam entre R\$30,00 e R\$50,00, e, segundo os próprios entrevistados, "rola de tudo", menos serem penetrados pelos clientes. No

entanto, em certas situações, segundo alguns dos Boys, este "rolar de tudo" não considera certas práticas sexuais, como por exemplo o sexo oral e eventualmente, o sexo anal, e até mesmo a ejaculação, que apenas ocorrerão com o pagamento de valor extra.

Vale ressaltar que o estabelecimento dos valores dos programas também está submetido à avaliação que o Boy faz da condição sócio-econômica do cliente, e esta ocorre, por vezes, antes mesmo da primeira conversa entre o Boy e o cliente. Para tal avaliação, eles estabelecem critérios que definem qual cliente tem condições de pagar o valor cobrado pelo programa ou se é preciso estipular valor passível de negociação. Dentre estes critérios salientamos aqui, o que é muito freqüente no caso da prostituição de rua, o modelo do carro em que o cliente chega para o programa.

No tocante às fontes privilegiadas de prazer corporal, identificamos que estas, na opinião dos próprios boys, encontram-se situadas nas zonas erógenas, sobretudo, no pênis e no ânus. No entanto, surpreende o fato de que o rosto, o corpo como um todo, com ênfase nos hábitos de higiene, como também os cuidados com a apresentação pessoal, como se veste e se porta o boy, são elementos que emergem do discurso e do cenário da prostituição viril em Recife, o que revela o quanto coisas aparentemente não sexuais, são valoradas no negócio do michê.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que incipiente tal pesquisa apresenta elementos que intencionam fortalecer a reflexão sobre os sentidos atribuídos a prostituição de homens no nordeste brasileiro região marcada por um machismo e tradicionalismo mais arraigados. Oportuniza também, o pensar sobre o exercício da michetagem distante de interpretações unilaterais e simplistas que circunscreve o prazer na ordem reprodutiva ou no campo das perversões, como também, através do argumento de que a vivencia da prostituição muitas vezes se apresenta como destituída de prazer.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana Izabel. Explorando a sexualidade do michê na cidade de Porto Alegre In: BARBOSA, Maria Regina (org.), 2002. *Interfaces - Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva*. Campinas, São Paulo. Ed.Unicamp, 2002.

GAGNON, John H.. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Tradução Lúcia Ribeiro da Silva; revisão Sérgio Carrara e Horácio Sìvori. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

______. *O saber local. Novos ensaios em Antropologia interpretativa.* Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, A.. The constitution of society: on outline of the theory of structuration. Cambridge/Berkeley: University of California Press, 1984.

PARKER, Richard G.. Corpos, prazeres e paixões – A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo. Editora Best Seller, 1991.

______. "Masculinity, Feministy, and Homosexuality: On the Anthropological Interpretation of Sexual Meanings in Brasil" Journal of Homosexuality 11(3/4):155-63, 1985.

PERLONGHER, Nestor O.. *O negócio do michê. Prostituição viril em São Paulo.* SP. Ed.Brasiliense, 1987.

ROBINSON, Paul. *A modernização do sexo*. Rio de Janeiro. Editora civilização Brasileira, 1977.

ROHDEN, Fabíola. *A arte de enganar: contracepção, aborto e infanticídio na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz (Coleção História e saúde no Brasil) 2003.

RIOS, Luís Felipe. O Feitiço de Exu: Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, UERJ/REDE SIRIUS/CB, 2004.

SOUZA NETO, Epitacio N. de. 2009. Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife / Epitacio Nunes de Souza Neto. – Recife: O autor, 2009.

VALAS, Patrick. *Freud e a Perversão*. Reunião de textos da Manoel Barros da Motta. Tradução: Dulce Duque Estrada. Campo Freudiano no Brasil. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.

VANCE, C.. Social Construction Theory: Problems in the History of Sexuality. In: ALTMAN, D. et alii. (ed.) *Homosexuality, Which Homosexuality?* Londres: Gay Men's, 1989.